



CAP-UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA

Disciplina: Língua Portuguesa (Produção Textual)

Turmas: 3B e 3C

Coord.:

Professora: Angélica Castilho

Estagiário: Gregory Victor

Aluno(a): _____ **n.º:** ____ **Data:**

UNIDADE: romance; artigo da internet; leitura e interpretação; produção textual; normas e usos linguísticos.

TEXTO 1

Quando eu me engano, sou castigado”, Bruno insistiu, irritado pelo fato de que as regras que se aplicavam às crianças pareciam nunca se aplicar aos adultos (apesar de serem eles que aplicavam as regras). “Pai idiota”, disse em voz baixa.

Os olhos de Maria se arregalaram e ela deu um passo na direção dele, cobrindo a própria boca com as mãos num momento de horror. Ela olhou ao redor para certificar-se de que ninguém os estava ouvindo nem ouvira o que Bruno acabara de dizer. “Nunca diga isso”, ela disse. “Jamais fale uma coisa dessas sobre seu pai.”

“Não vejo por que não”, disse Bruno; ele estava um pouco envergonhado de si por ter dito tais palavras, mas a última coisa que faria era sentar e receber uma bronca quando ninguém parecia se importar com as suas opiniões.

“Porque o seu pai é um bom homem”, disse Maria. “Um homem muito bom. Ele cuida de todos nós.”

“Trazendo-nos até este fim de mundo, no meio do nada, você quer dizer? É isso que você chama de tomar conta da gente?”

“Há muitas coisas que o seu pai fez”, disse ela. “Muitas coisas das quais você deveria se orgulhar. Se não fosse pelo seu pai, onde eu estaria, afinal de contas?”

“De volta a Berlim, imagino”, disse Bruno. “Trabalhando numa bela casa. Almoçando sob a hera e deixando as abelhas em paz.”

“Você não se lembra de quando eu vim trabalhar para vocês, não é?”, ela perguntou em voz baixa, sentando-se por um instante ao lado dele na cama, coisa que jamais havia feito antes. “Como poderia se lembrar? Você tinha apenas três anos. Seu pai me acolheu e me ajudou quando eu precisava dele. Deu-me um emprego, um lar, comida. Você nunca passou fome, não é?”

Bruno franziu o cenho. Ele queria mencionar que estava um pouco faminto naquele momento, mas por fim olhou para Maria e percebeu, pela primeira vez, que nunca a havia considerado inteiramente como uma pessoa, com uma vida e uma história próprias. Afinal, ela jamais fizera outra coisa (até onde ele sabia) além de ser a criada da família. Ele nem sequer conseguia se lembrar se já a havia visto trajando outras roupas que não o uniforme de empregada. Mas ao pensar no assunto, como fazia agora, era obrigado a admitir que deveria haver mais na vida dela, além de servir a ele e à sua família. Ela devia ter pensamentos na cabeça, assim como ele. Devia haver coisas das quais ela sentia falta, amigos que gostaria de rever, assim como ele. E devia ter chorado toda noite até dormir, como teriam feito meninos bem menores e menos corajosos do que ele. Bruno notou que ela era até bonita, o que provocou nele uma sensação engraçada.

“Minha mãe conheceu seu pai quando ele era um menino da sua idade”, disse Maria após alguns momentos. “Ela trabalhava para sua avó. Cuidava das roupas dela, enquanto ela viajava pela Alemanha, quando era mais jovem. Preparava todas as roupas para os concertos — lavava-as, passava as, consertava-as. Todos vestidos maravilhosos. E a costura, Bruno! Cada modelo parecia uma obra de arte. Não se encontram mais costureiras como aquelas hoje em dia.” Ela balançou a cabeça e sorriu, pensando naquelas memórias, enquanto Bruno escutava pacientemente. “Ela se certificava de que todos os vestidos estivessem arrumados e prontos para serem usados a qualquer momento que sua avó entrasse no camarim, antes de um espetáculo. E, depois que sua avó se aposentou, é claro que as duas continuaram amigas e minha mãe até recebia uma pensão dela, mas era uma época difícil e o seu pai me ofereceu um emprego, o primeiro que eu tive. Alguns meses mais tarde minha mãe ficou muito doente e precisou de muitos cuidados hospitalares, e o seu pai cuidou de tudo, mesmo não sendo obrigação dele. Ele pagou tudo do próprio bolso, porque ela fora amiga da mãe dele. E me acolheu no seu lar pelo mesmo motivo. E, quando ela morreu, ele também pagou por todas as despesas do funeral. Então não chame seu pai de idiota, Bruno. Não perto de mim. Isso eu não permitirei.”

Bruno mordeu os lábios. Ele esperava que Maria ficasse ao seu lado na campanha para sair de Haja-Vista, mas agora percebia a quem de fato ela tinha lealdade. E era obrigado a admitir que ficara orgulhoso do pai ao escutar aquela história.

“Bem”, ele falou, incapaz de pensar em algo inteligente para dizer, “acho que foi gentil da parte dele.”

“Sim”, concordou Maria, levantando-se e caminhando até a janela, aquela através da qual Bruno enxergava as cabanas e as pessoas lá longe. “Ele foi muito bom para mim naquela época”, ela prosseguiu em voz baixa, olhando pela janela e observando as pessoas e os soldados ao longe cuidando de suas vidas. “Ele tem muita bondade na alma, tem mesmo, o que me faz imaginar...” A voz dela sumiu enquanto os observava, e depois emitiu um soluço repentino, como se fosse chorar.

“Imaginar o quê?”, perguntou Bruno.

“Imaginar o que ele... como ele pode...”

“Como ele pode o quê?”, insistiu Bruno.

(BOYNE, John. O menino do pijama listrado. São Paulo: Editora Schwarcz, 2016. p. 83-88.)

TEXTO 2

O QUE A IDEIA DE BANALIDADE DO MAL DA HANNAH ARENDT SIGNIFICA?

Hannah Arendt chegou à conclusão sobre o mal de Eichmann. O mal que ele praticava não era um mal demoníaco, mas era um mal constante que fazia parte da rotina dos oficiais nazistas como instrumento de trabalho. Ou seja, a banalidade do mal é um mal que virou comum de ser praticado.

Durante todo o julgamento, Eichmann nunca se considerou culpado pelos crimes cometidos, sua justificativa era sempre que apenas cumpria ordens, seguindo as leis vigentes naquele período. Ele sempre dizia que seguia o certo, seguia o governo e as leis do estado, por isso acreditava em sua inocência.

Hannah Arendt acreditava que o problema de usar esse argumento como justificativa seria a ascensão a regimes totalitários e a banalização da razão e coerência do ser humano.

Eichmann era obcecado por poder e ascensão social, faria qualquer coisa para ser reconhecido e ter sucesso, mas esse desejo de sucesso é o que levaria a praticar o mal. Era por essa razão que ele deveria ser punido.

A racionalidade que Eichmann acreditava e usava não era uma racionalidade favorável para a coletividade. Essa racionalidade não era avaliativa e nem refletida no bem-estar comum.

COMO É POSSÍVEL COMBATER A BANALIDADE DO MAL?

Hannah Arendt queria mostrar os dois lados da razão: aquela que possui lógica e reflexão e aquela em que sustenta o bem no próprio indivíduo, a razão que não é favorável para a coletividade, usada por Eichmann. Por essa razão que ela acreditava na liberdade do indivíduo para tomar outra decisão. Uma decisão fundamentada, advinda de reflexão, uma racionalidade que visa o interesse comum e o bem da coletividade. Essa racionalidade, mostraria para todos os requisitos, como deveria ser a compreensão e o conhecimento do ser humano. Como as pessoas deveriam pensar no estudo, na honestidade e na liberdade. Essa forma de pensamento seria uma maneira de combater os regimes totalitários e o mal banal.

(BOTELHO, Julia. Hannah Arendt e a “Banalidade do Mal”: aprenda o conceito! Politize, 2023. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/hannah-arendt-banalidade-do-mal/>>. Acesso em: 07 set. 2023. [fragmento])

TEXTO 3

A LÍNGUA QUE VOCÊ FALA PODE DETERMINAR COMO VÊ O MUNDO

Dependendo da língua que você fala e de como ela nomeia as cores, pode ser que você enxergue ou não certos elementos. Conhecida como hipótese de Sapir-Whorf, a ideia de que a linguagem que falamos molda nosso pensamento ganha mais uma evidência com uma pesquisa feita por psicólogos da Universidade Humboldt de Berlim, na Alemanha, e publicada na revista *Psychological Science*.

O estudo investigou a influência da cultura e da linguagem na percepção do mundo real pela espécie humana. Sociedades que convivem com fenômenos naturais como a neve, por exemplo, possuem centenas de palavras e termos para definir o acontecimento abrangendo o máximo possível seus detalhes.

"Embora a evidência de que a linguagem modula a discriminação visual tenha se acumulado, pouco se sabe sobre a relação entre a estrutura da linguagem e a consciência", escreveram os pesquisadores Martin Maier e Rasha Abdel Rahman no artigo.

Percepção das cores varia com o idioma

Participaram do estudo 28 falantes de grego, 29 falantes de alemão e 47 falantes de russo. O grego e o russo possuem palavras para as cores “azul claro” e “azul escuro”, mas não têm uma palavra para definir simplesmente “azul”. Em alemão, há uma palavra dedicada para azul, mas outros tons, como “azul claro”, dependem de qualificadores adicionados à raiz.

Durante a pesquisa, os voluntários visualizavam 13 formas coloridas diferentes em um fundo colorido, além de saber que um semicírculo cinza apareceria em certos momentos. No entanto, um triângulo de tons variados quanto às cores do fundo (verde claro contra um fundo verde escuro, por exemplo) também era exibido em quatro de cinco ocasiões, e os pesquisadores queriam saber se isso poderia ser visto.

Quando os testes terminaram, os voluntários foram solicitados a dizer quanto do triângulo tinham visto, se é que o viram. Curiosamente, segundo os pesquisadores, os falantes de grego e russo eram mais propensos a detectá-lo quando o triângulo era exibido em variações de azul, mas não tanto com variações de verde. Os falantes de alemão não notaram diferença entre azul ou verde.

Analisando os resultados, os pesquisadores acham que isso mostra que a linguagem pode desempenhar um papel na maneira como vemos as coisas. “Nossa língua nativa é, portanto, uma das forças que determinam o que percebemos conscientemente”, escreveram.

O estudo ainda é pequeno e sua abordagem do assunto é considerada bastante limitada. No entanto, pode sugerir um protagonismo maior da linguagem, principalmente do idioma que aprendemos nos primeiros anos de vida, nas nossas visões de mundo.

(ALVES, Ariane. A língua que você fala pode determinar como vê o mundo. Exame, 2018. Disponível em: <<https://exame.com/ciencia/a-lingua-que-voce-fala-pode-determinarcomo-ve-o-mundo/>>. Acesso em: 07 set. 2023. [fragmento])

PROPOSTA DE ESCRITA:

No primeiro texto, retirado do romance **O menino do pijama listrado**, o protagonista, Bruno, pela primeira vez, considerando a vida pregressa e interior de Maria, a empregada “muito bem paga”, analisa como até então não apenas a sua percepção, mas de toda a família limitava a existência daquela mulher, unicamente referindo-se a ela não como uma pessoa, mas simplesmente como a empregada; deste modo, lhe garantindo, de certa maneira, menos humanidade em relação aos seus patrões.

No segundo texto, somos apresentados ao conceito da banalidade do mal, estipulado pela filósofa alemã Hannah Arendt, a qual analisa a facilidade com que muitas vezes certos grupos se permitem, por assim dizer, o direito ao flagelo de outros grupos, povos ou uma determinada comunidade. Desta forma, expõe-se uma contradição: como se aliam num mesmo indivíduo sentimentos tão contraditórios? Aí que se situa, contudo, para Arendt, o fenômeno da banalidade do mal, e a resposta encontrada para esta bifurcação sentimental está não em qualquer resposta essencialista em relação à natureza humana, mas na forma pela qual nos condiciona a visão de mundo o modo de vida estabelecido por determinado meio sociocultural.

O terceiro texto destaca-se por esclarecer a relevância com que uma língua, conseqüentemente também o seu léxico, desempenha um papel preponderante na forma como desenvolvemos nossa lógica de raciocínio e apreendemos o mundo; o que indiretamente indica que nossas escolhas vocabulares, mais do que a mera função pragmática de localizar os objetos na realidade, expressam, mesmo que inconscientemente, a forma como compreendemos esta mesma realidade.

Dito isso, produza um **artigo de opinião** acerca de: **as escolhas e os usos vocabulares que permeiam nosso cotidiano, perpetuando de algum modo uma visão menos humana em relação aos entes referidos.**

Pode-se escolher uma ou mais palavras com que se tenha familiaridade e discorrer sobre as possíveis motivações históricas e culturais que originaram o seu significado, assim como os efeitos que delas decorrem, manifestando-se conflituosamente em nossas relações.

Lembre-se de que um **artigo de opinião** é um texto de base argumentativa que deve apontar seu ponto de vista em diálogo com fatos e reflexões sobre o tema desenvolvido.

Ao elaborar o seu texto:

Dê um título;

Use registro formal de língua portuguesa;

Utilize pelo menos dois dos textos da coletânea para fundamentar seu posicionamento diante do tema;

Produza no mínimo 30 linhas, e no máximo 40 linhas;

Faça uma letra legível e utilize caneta preta ou azul.



Título: Produção textual: O menino do pijama listrado e a desumanização como prática social presente nas palavras.

Use este link para compartilhar ou citar este material: